

Masterclasse de Cinema e Música

Lauro António e Teresa da Palma
Pereira

VIDAS COM MÚSICA



DIA INTERNACIONAL DA MULHER - Sessão 11 – 8 de Março 2018 | A PIANISTA (2001)



“A Pianista” é, como se deve calcular, a história de uma mulher. Essa mulher é Erika Kohut (a fabulosa Isabelle Huppert, num desempenho absolutamente soberbo, que lhe valeu vários prêmios internacionais, entre os quais o de Melhor Actriz no Festival de Cannes, 2001). Erika Kohut é pianista e dá aulas no Conservatório de Viena, Áustria (o realizador Michael Haneke é austríaco e, definitivamente, um dos maiores cineastas do actual panorama cinematográfico europeu). Erika anda na casa dos quarenta anos, vive sozinha com uma mãe insuportavelmente castradora, prepotente, controladora, amorosamente manipuladora e muito satisfeita por a filha ser pianista, uma

artista.

Ser pianista, como em muitas outras actividades, implica uma forte disciplina e uma total devoção. Implica mais: sacrifício. Horas e horas a dominar as mãos e os dedos e a obrigá-los a ceder às notas musicais, ao seu ritmo, à sua cadência. Por isso, não será de surpreender o facto de Erika ser uma mulher de cerca de quarenta anos, fria, austera, seca, aparentemente puritana, discreta na forma de vestir, meticulosa nos gestos - e, surpresa! - frequentadora de “sex shops” e de “peep shows”. O que pratica aparentemente sem o menor prazer. Antes com grande sensação de culpa. Quando chega a casa, encerra-se no quarto de banho, e auto mutila-se. Erika revolta-se contra a mãe, mas está habituada a sofrer. A sofrer e a fazer sofrer. Os seus alunos são martirizados pelo rigor imposto, pela ausência de um sorriso, pelos vidros partidos e colocados num dos bolsos de um casaco pendurado num bengaleiro.

Quando um desses alunos resolve declarar-se, Erika humilha-o como melhor sabe. Afasta-o, expulsa-o, rebaixa-o e, quando aceita entrar no jogo, este será jogado segundo as suas próprias regras. Erika foi ensinada, preparada para a extrema solidão e não conhece outras formas de existência. Solidão e sofrimento. Próprio e imposto aos outros.

Uma vida errada, destruída, automutilada. Se a arte liberta, por vezes também pode oprimir. Erika é o caso extremo de um desses exemplos.

“A Pianista” é um filme profundamente perturbante. Violento, denso, psicologicamente aterrador, construído numa narrativa de uma neutralidade desarmante. Haneke não condescende em nada, o seu filme segue uma linha sem hesitar, mantendo um rigor de construção ímpar, impondo um tipo de representação que quase sufoca o espectador.

“A Pianista” não é um filme “bonito” de se ver, nem essa foi alguma vez a intenção do seu autor. Bem na linha do romance de Elfriede Jelinek, Prémio Nobel de Literatura, que reconheceu ter a obra muito de autobiográfico e que o próprio Michael Haneke adaptou a cinema.

Aprofundar o conhecimento do ser humano parece, pois, ser o propósito de Haneke, um pouco na linha de um Ingmar Bergman, de quem é um confesso admirador.

Acompanho a sua carreira desde 1997, quando adaptou para televisão “O Castelo”, de Kafka. Depois, dirigiu “Brincadeiras Perigosas”, “Código Desconhecido”, “A Pianista”, “Tempo do Lobo”, “Nada a Esconder”, “Jogos Perigosos”, e duas obras-primas absolutas, “O Laço Branco” e “Amor” (2012). Sobre o seu cinema, disse o autor: “Os meus filmes insurgem-se contra o cinema fast-food norte-americano e a sua descapacitação do espectador. Eles fazem um apelo para um cinema de perguntas insistentes em vez de respostas falsas (falsas

por serem rápidas demais), um apelo por um cinema que clarifica a distância ao invés de violar a proximidade, por um cinema da provocação e do diálogo ao invés do consumo e do consenso."
Um mestre.



A PIANISTA

Título original: La Pianiste ou Die Klavierspielerin

Realização: Michael Haneke (França, Austria, 2001); **Argumento:** Michael Haneke, segundo romance de Elfriede Jelinek; **Fotografia (cor):** Christian Berger; **Montagem:** Nadine Muse, Monika Willi; **Casting:** Markus Schleiner; **Design de produção:** Christoph Kanter; **Decoração:** Hans Wagner; **Guarda Roupas:** Annette Beaufays; **Maquilhagem:** Françoise Andrejka, Fabienne Bressan, Ellen Just, Thi-Loan Nguyen, Michael Oppl, Waldemar Pokromski; **Assistentes de realização:** Katharina Biró, Fritz Noltmann, Hanus Polak Jr.; **Som:** Jean-Pierre Laforce, Pascal Chauvin, Nadine Muse, Guillaume Sciamia; **Efeitos especiais:** László Kovács, Hans Wagner; **Efeitos visuais:** Geoffrey Kleindorfer; **Direção de produção:** Roman Haschberger, Michael Katz, Gebhard Zupan; **Produção:** Yvon Crenn, Christine Gozlan, Veit Heiduschka, Michael Katz; **Intérpretes:** Isabelle Huppert (Erika Kohut), Annie Girardot (a mãe), Benoît Magimel (Walter Klemmer), Susanne Lothar (Mrs. Schober), Udo Samel (Dr. Blonskij), Anna Sigalevitch (Anna Schober), Cornelia Köndgen (Mme Blonskij), Thomas Weinhappel (baritono), Georg Friedrich, Philipp Heiss, William Mang, Rudolf Melichar, Michael Schottenberg, Gabriele Schuchter, Dieter Berner, Volker Waldegg, Martina Resetarits, Annemarie Schieinzer, Karoline Zeisler, Liliane Neiska, Luz Leskowitz, Viktor Teufmayr, Vivian Bartsch, Florian Koban, Thomas Auner, etc. **Duração:** 130 minutos; **Distribuição em**

Portugal: Atalanta Filmes; **Classificação etária:** M/ 18 anos;